

**MARCOS AURÉLIO DOMINGUES**

**COMPARAÇÃO DO NÍVEL DE AUTO-CONCEITO E AUTO-ESTIMA DO MENOR  
EM SITUAÇÃO DE RUA NÃO-INSTITUCIONALIZADO E INSTITUCIONALIZADO  
DA CIDADE DE CURITIBA**

Monografia apresentada como pré-requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Educação Física do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

**CURITIBA  
1995**

**MARCOS AURÉLIO DOMINGUES**

**COMPARAÇÃO DO NÍVEL DE AUTO-CONCEITO E AUTO-ESTIMA DO MENOR  
EM SITUAÇÃO DE RUA NÃO-INSTITUCIONALIZADO E INSTITUCIONALIZADO  
DA CIDADE DE CURITIBA**

Monografia apresentada como pré-requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Educação Física do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

**Orientador: Prof. Ricardo W. Coelho, PhD**

Muitas coisas de que temos necessidade podem esperar.  
A criança não pode esperar.  
Agora mesmo ela cresce, consolida seus ossos, cria seu sangue e ensaia  
seus sentidos.  
Não se lhe pode responder: "Amanhã".  
Ela se chama: "Agora".  
Sofremos a enfermidade de muitos erros e de tantas culpas; porém, o nosso  
maior delito se chama:  
"Abandono na infância".

Gabriela Mistral

## **DEDICATÓRIA**

**Dedico este trabalho a Carolina, Marcos Felipe e Bruno Aurélio, meus filhos.**

**Jacinta Edith, minha esposa:**

**A vocês que estiveram sempre ao meu lado durante todo o transcorrer do curso, dividindo e compreendendo minhas dificuldades.**

## **AGRADECIMENTOS**

**Agradeço aos meus pais Toribio e Nadir pela minha vida, pelo homem, pelo cidadão e pelo pai que souberam formar.**

**Também ao professor Ricardo W. Coelho por sua orientação, que muito me ajudou na condução deste trabalho.**

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>vii</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....</b>	<b>01</b>
<b>1.2 DELIMITAÇÕES.....</b>	<b>02</b>
1.2.1 Local.....	02
1.2.2 Universo.....	02
1.2.3 Amostra.....	02
1.2.4 Variáveis.....	02
1.2.5 Época.....	03
<b>1.3 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>03</b>
<b>1.4 OBJETIVO.....</b>	<b>04</b>
<b>1.5 HIPÓTESES.....</b>	<b>04</b>
<b>1.6 PREMISSAS.....</b>	<b>04</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>08</b>
<b>2.1 CRIANÇAS E JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA.....</b>	<b>06</b>
2.1.1 A condição das família das crianças e jovens em situação de rua.....	07
<b>2.2 O AUTO-CONCEITO E A AUTO-ESTIMA.....</b>	<b>10</b>
2.2.1 O auto-conceito.....	11
2.2.2 A auto-estima.....	12

<b>2.3 A INFLUÊNCIA DO GRUPO ÉTNICO NA FORMAÇÃO DO AUTO-CONCEITO E DA AUTO-ESTIMA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.4 A INFLUÊNCIA DO SEXO E DA CLASSE SOCIAL NA FORMAÇÃO DO AUTO-CONCEITO E DA AUTO-ESTIMA.....</b>	<b>16</b>
<b>2.5 O RELACIONAMENTO PAI-FILHO NA FORMAÇÃO DO AUTO- CONCEITO E DA AUTO-ESTIMA DA CRIANÇA.....</b>	<b>18</b>
<b>2.6 A ATIVIDADE FÍSICA COMO ELEMENTO AUXILIAR NA FORMAÇÃO DO AUTO-CONCEITO E DA AUTO-ESTIMA.....</b>	<b>20</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>21</b>
<b>3.1 DESIGN.....</b>	<b>21</b>
<b>3.2 TÉCNICA ESTATÍSTICA.....</b>	<b>21</b>
<b>3.3 INSTRUMENTAÇÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>3.4 PROCEDIMENTOS.....</b>	<b>22</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>28</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>30</b>

## **RESUMO**

**Este estudo teve como objetivo verificar se os níveis de AUTO-CONCEITO e de AUTO-ESTIMA de menores de rua, meninos com idade oscilando entre 09 e 16 anos, não-institucionalizados sofrem alterações significativas em comparação aos níveis de AUTO-CONCEITO e AUTO-ESTIMA de menores institucionalizados (ASSOMA) com as mesmas característica de sexo e idade, após a aplicação de um tratamento, constituído de aulas a nível de ESCOLINHA DESPORTIVA na modalidade de FUTEBOL. O estudo foi de característica MISTA (Quasi-Experimental e experimental), para coleta dos dados utilizou-se o inventário de Coopersmith (1967) para AUTO-ESTIMA e o inventário de Mason (1954) para AUTO-CONCEITO.**



# **1 INTRODUÇÃO**

## **1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA**

O chamado "menino de rua" é uma ilha cercada de omissões por todos os lados. Todas as políticas públicas básicas já falharam em relação a ele.

Se perguntarmos a esse menino sobre seus pais ou responsáveis, ele certamente nos falará de pessoas na faixa do não emprego, do subemprego ou do desemprego e, quando muito, do salário mínimo ou pouco mais do que isso.

Se lhe indagamos onde mora, invariavelmente ouviremos referências à mesma periferia infecta. Ao barraco sem condições mínimas de bem-estar e dignidade. Questionando o menino sobre sua situação escolar, constataremos que ele compõe as estatísticas da repetência e da evasão escolar ou até mesmo da não matrícula. Um exame de saúde nos revelará um quadro de sérios comprometimentos (sarna, piolho, vermes, etc), de tudo o mais grave, a sua capacidade intelectual apresenta-se freqüentemente já afetada pela não-ingestão de proteínas essenciais na primeira infância. O estado de degradação pessoal e social em que estes menores subsistem, poderá ser decisivo na formação dos baixos níveis dos constructos auto-conceito e auto-estima.

## **1.2 DELIMITAÇÕES**

### **1.2.1 Local**

A pesquisa foi desenvolvida em uma praça da região central da cidade de Curitiba, onde durante os finais de tarde alguns meninos de rua concentram-se afim de praticar o futebol.

### **1.2.2 Universo**

Meninos de rua da cidade de Curitiba, assistidos ou não por órgãos destinados ao seu auxilio ou proteção, com faixa etária oscilando entre 09 e 16 anos.

### **1.2.3 Amostra**

Serão utilizados 28 meninos selecionados aleatoriamente independente de raça ou cor, com faixa etária oscilando entre 09 e 16 anos, freqüentadores da Praça do Atlético e da ASSOMA.

### **1.2.4 Variáveis**

- **DEPENDENTES = Auto-estima e AUTO-CONCEITO.**
- **INDEPENDENTES = Institucionalizados e Não-institucionalizados.**
- **INTERVENIENTES = Traços de personalidade diferenciados e necessidades motivacionais.**

- **CONTROLE = Sexo, nível socio-econômico e idade.**

### **1.2.5 Época**

O projeto foi desenvolvido durante o ano de 1995 nos meses de março à outubro do referente ano.

## **1.3 JUSTIFICATIVA**

O presente estudo justifica-se uma vez que poucas informações são encontradas, sobre os efeitos que as instituições de auxílio tem sobre o estado emocional e psicológico do menor em situação de rua assistido.

Tem-se como objetivo principal verificar se a atividade física consegue influenciar em menores Não-institucionalizados em iguais proporções o auto-conceito e a auto-estima como ocorre com os menores de nível social e psicológico estáveis.

Tendo em vista os poucos estudos referentes ao efeito da atividade física no nível de auto-estima e no auto-conceito menores de rua Não-institucionalizados, a pesquisa procurou analisar os possíveis efeitos desta atividade no nível de auto-estima e no auto-conceito destes menores. Pois, a atividade física e o esporte desafiam as pessoas e aprimoram os gestos técnicos desenvolvendo a performance, que por conseguinte, melhora seu status dentro do grupo a que pertence, promovendo com isso o auto-conceito e a auto-estima.

Neste estudo não se estará objetivando analisar o desenvolvimento físico e motor destes menores, mas se espera que estes objetivos sejam alcançados em consequência do trabalho a ser desenvolvido.

## **1.4 OBJETIVO**

Verificar se a atividade física aplicada durante alguns meses em um grupo de meninos de rua não-institucionalizados, pode ocasionar diferenças no nível de auto-estima e no auto-conceito destes ao final da pesquisa.

Além de identificar se o menino de rua institucionalizado demonstra maiores níveis de auto-estima e auto-conceito comparado com o menino de rua não-institucionalizado.

## **1.5 HIPÓTESES**

- 1) Os meninos em situação de rua após o tratamento demonstrarão significativamente maiores níveis de auto-estima e auto-conceito no pós-teste em relação ao pré-teste;
- 2) Os meninos em situação de rua institucionalizados demonstrarão maiores níveis de auto-conceito e de auto-estima em relação aos meninos de rua não-institucionalizados.

## **1.6 PREMISSAS**

- 1) A atividade física melhora a consciência corporal que por sua vez afeta o comportamento aprimorando o estado emocional e psicológico do ser humano.  
(COELHO, 1986)
- 2) A auto-estima e o auto-conceito são aspectos psicológicos que influenciam o aprendizado e o desenvolvimento psicológico da criança.

- 3) Pressupõe-se que as instituições públicas de assistência ao menor desenvolvem um trabalho adequado às reais necessidades do menor carente.**

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 CRIANÇAS E JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA**

Pressupõe-se a existência de diferentes tipos de meninos, movimentando-se em territórios distintos: os "meninos de rua" que moram e sobrevivem na rua e os "meninos na rua" que vivem da rua, trabalhando.

Ao adotar o conceito de crianças e jovens em situação de rua, é necessário fundamentar-se em várias constatações. Entre elas, a de que as fronteiras que separam os referidos territórios são fluídas e indefinidas; de que a rua é o espaço do cotidiano na garantia de subsistência e do lazer, ou de ambos, simultaneamente; e ainda de que a rua pode ser, para uns, o espaço secundário e, para outros, o espaço principal de vivência.

É evidente que os conceitos "criança na rua" e "criança de rua" representam já um avanço e uma distância formidável com relação ao conceito de criança abandonada, amplamente usado no Brasil e em outros países. Até pouco tempo atrás, "criança de rua" e "criança na rua" eram sinônimos de criança abandonada. Foi somente após a implantação de programas concretos para essa população que se percebeu a inadequação de se utilizar o termo **abandonada** de forma generalizada. É pequeno o percentual de crianças e jovens **que não têm família** ou mantêm vínculo familiar sistemático.

As expressões "menor carenciado", "abandonado", "desassistido" ou "marginalizado" são usadas para identificar a criança ou adolescente vítimas de disfunção social que, por não disporem de renda suficiente, têm insatisfatória participação no consumo de bens materiais e culturais e não usufruem os serviços de saúde, educação, habitação, recreação e outras benesses do desenvolvimento (Brasil, Congresso, Câmara dos Deputados, 1976, p. 24).

Até mesmo os conceitos de "criança na rua" e "criança de rua" podem gerar formas diferenciadas de atendimento muitas vezes segregacionistas e estigmatizantes. Daí a justificativa da pesquisa adotar o conceito de crianças em situação de rua. Segundo a Organização das Nações Unidas (1967), "Por constituir-se num ser humano em desenvolvimento, o menor, sob qualquer designação, requer cuidados e atenções especiais no atendimento de suas necessidades, sem discriminação de qualquer natureza" (ONU, 1967, p. 26).

O caráter unificador do termo "situação de rua" não é uma resposta simplista, pois não apaga nem nega diferenças, pelo contrário. O termo reunifica, no conceito e na ação, o que foi separado formalmente. Ele permite que se aprendam as diversidades de significados que o estar na rua representa para essas crianças e jovens e suas famílias, situando-as em um contexto global, marcado pela diversidade e não pela desigualdade, que costuma separar os "bons" dos "maus".

### 2.1.1 A condição das famílias das crianças e jovens em situação de rua

Uma característica desta população de jovens em situação de rua é pertencer a famílias, em muitos casos chefiadas por mulheres, seja pela ausência do pai, seja porque este tem atuação pouco significativa na busca dos meios de sobrevivência.

São famílias numerosas, marcadas pelo pauperismo, com adultos desempregados, subempregados ou doentes. Os baixos rendimentos inviabilizam os gastos com vestuário, condução e até alimentação. Moram em barracos de favela, em cômodos de cortiços ou em casas deterioradas e insalubres.

No Brasil, o problema do menor decorre, simultaneamente, do desenvolvimento e do subdesenvolvimento. Há variáveis típicas de países desenvolvidos, e de países subdesenvolvidos, como industrialização, urbanização, crescimento demográfico acelerado, êxodo rural, deficiências médico-sanitárias, analfabetismo, desqualificação de mão de obra, pobreza. De modo direto ou indireto, todos esses fatores conjugados ou isoladamente, refletem-se sobre a família e, conseqüentemente, sobre o menor (Brasil, Congresso, Câmara dos Deputados, 1976, p. 24).

Em muitas famílias o relacionamento afetivo com os filhos foi positivamente. Noutras, a relação com os filhos se dá através de agressões físicas, castigos corporais e ameaças. Uma violência doméstica que, aliás, não é exclusividade das classes populares. No caso de mais de uma união da mulher, às vezes, o atual companheiro não aceita o filho e o expulsa, noutras, a relação mãe/filho é a mais forte e se mantém em detrimento da relação mãe/companheiro.

Algumas famílias mostram-se impotentes frente à situação dos filhos nas ruas. Outras evitam seu retorno, temerosas de que possam prejudicar os outros filhos, e preferem encaminhá-los a instituições fechadas. Há famílias que não interpretam o confinamento como abandono e vêem nele uma solução no cuidado dos filhos. Para muitos a educação em meio aberto não é entendida, pois a internação dos filhos ainda é a única solução que vislumbra para tirar os filhos da rua.



O internamento deve ser aceito apenas como último e pior dos recursos. Deve-se evitar que a criança deixe o lar, recomendando-se a ajuda dos pais, a pensão à mãe sem recursos, o fortalecimento dos laços familiares por meio de organismos designados para isso. É que o desenvolvimento de uma criança não depende apenas da satisfação das necessidades materiais, mas de cuidados, carinhos, exemplos e modelos de comportamento; pois, mesmo o lar precário é preferível ao melhor dos asilos (PFROMM, 1976, p. 216).

Há pais que entregam a guarda das crianças aos parentes, outros que tentam delegar responsabilidades a outras pessoas. São famílias que desconhecem seus direitos assim como os recursos e os serviços sociais públicos disponíveis.

São famílias que escapam ao modelo que o aparelho do Estado, ou alguns estudiosos como BEE (1984) e RIVERA (1987), consideram como paradigma do desenvolvimento da criança: o modelo de família nuclear, onde o pai é o provedor e a mãe cuida dos filhos. Nas famílias das crianças que frequentam algum órgão de assistência ao menor em situação de rua como é o caso da ASSOMA (Associação dos Menores Abandonados) em Curitiba/Pr, as formas de organização de seu cotidiano são outras, os arranjos são diversos. O Brasil têm mostrado, nos últimos tempos, que em todas as classes sociais, e não apenas nas de baixa renda, existe diversidade de modos de organização familiar.

As instituições de Estado, as políticas públicas e a sociedade civil necessitam reconhecer e se adequar à pluralidade de modos de organização e de arranjos familiares e domésticos, sem julgamentos valorativos, para que essas famílias e suas crianças, que escapam ao modelo paradigmático, não sejam estigmatizadas.

Reconhecer a pluralidade de arranjos familiares não significa, contudo, abstrair-se de qualquer crítica ou atuação, sobretudo nos casos em que a organização

familiar assenta-se na exploração da criança e do jovem e na negação de seus direitos universais e constitucionais.

## 2.2 O AUTO-CONCEITO E A AUTO-ESTIMA

Para estabelecermos uma discriminação que oriente conceitos tão freqüentemente utilizados como sinônimos, porém com diferenças sutis, mas relevantes, será dado as caracterizações de: auto-conceito e auto-estima.

A auto-estima não é idêntica ao auto-conceito, posto que ambos sejam freqüentemente confundidos. O auto-conceito é um conjunto de idéias sobre a própria pessoa, que mais descreve do que julga. Alguns aspectos do auto-conceito podem ser considerados como bons ou maus, porém alguns podem ser neutros. O fato de uma pessoa ter cabelo escuro e uma voz suave faz parte do auto-conceito, mas essas qualidades não são vistas como boas ou más. A auto-estima, por outro lado, refere-se à avaliação que uma pessoa faz de suas próprias qualidades. Um exemplo pode esclarecer a distinção. Um menino de 8 anos pode ter um conceito de si próprio como alguém que briga muito. Se ele valorizar sua capacidade de brigar e enfrentar os outros sozinho, essa qualidade pode somar-se à sua auto-estima. Se ele se sentir infeliz por sua tendência agressiva, então isto pode levá-lo a depreciar sua auto-estima (BEE, 1984, p. 343).

Quando MOSQUERA refere se aos dois processos inerentes a personalidade humana, diz que "Ao entender o auto-conceito e a auto-estima como processos bifocais da personalidade, devemos concebê-los como interrelações formalmente determinadas pelas estruturas sociais, ideológicas e necessidades pessoais" (MOSQUERA, 1987, p. 54).

Estamos constantemente testando a nossa pessoa através daquilo que nós somos e o que representamos para os outros, a rigor, o mundo interno é formado pelos eventos simbólicos que se materializam em sentimentos acerca de aquilo que nós conseguimos. Por exemplo: a vitória conquistada em uma eleição, o livro publicado, o destaque social, são maneiras de realizar o nosso auto-conceito e afirmar a nossa auto-estima positiva (DECKER, 1971, p. 89).

### 2.2.1 O AUTO-CONCEITO

Grande número de cientistas do comportamento consideram relevante aquilo que o indivíduo pensa sobre si mesmo como um fator determinante de seu comportamento. Há, contudo, aqueles que negam a própria existência do auto-conceito como identidade psicológica, alegando impossibilidade de se medir ou estudar cientificamente tal constructo.

Na realidade, o problema situa-se ao nível do significado atribuído ao termo auto-conceito. Partindo-se do pressuposto de que este fenômeno psicológico possa ser descrito de maneira operacional, será possível estudá-lo através de algum instrumento que nos permita colher dados de natureza quantitativa que se prestem a análise científica.

Quando se trata de precisar o significado de auto-conceito, verifica-se que este pode ser encarado a partir de uma dicotomia básica, a do tudo ou nada. É tudo, porque tem-se pensado no auto-conceito como um centro coordenador de todas as atividades do indivíduo. É nada, porque é difícil pensar o auto-conceito como um fenômeno existente individual e independente. Geralmente é considerado como um conjunto de atitudes e opiniões que o indivíduo possui sobre determinados aspectos de si mesmo. Assim, a soma de atitudes e opiniões de um indivíduo sobre seu corpo,

suas aspirações, suas relações sociais, sua maneira habitual de comportar-se, etc., constituem seu auto-conceito.

Para McCANDLESS apud SOSSAI (1975), "auto-conceito é um conjunto de expectativas e avaliações das áreas ou dos comportamentos com relação aos quais estas expectativas são mantidas". O mesmo autor acrescenta que o auto-conceito é constituído de várias facetas; é moldado através da aceitação ou rejeição de qualidades, modos de ser e de características do indivíduo.

GUGGENHEIN citado por SOSSAI (1975), define o auto-conceito como "um conjunto de pensamentos e sentimentos que uma pessoa tem a respeito de sua existência individual; é a imagem que o indivíduo tem de si mesmo".

ROTTER in BONNER (1961), identifica a expressão "auto-conceito como é geralmente entendido, com o termo "eu" quando define "eu" como "o conjunto de atitudes que uma pessoa tem em relação ao seu próprio comportamento". Auto-estima é também uma expressão relacionada com o auto-conceito. A auto-estima é medida a partir da avaliação que o indivíduo faz sobre si mesmo com base na maneira como percebe as opiniões dos outros sobre si mesmo. Quando um indivíduo revela auto-conceito positivo, infere-se que tenha também um bom nível de auto-estima.

### 2.2.2 A auto-estima

É importante assinalar que a auto-estima parte de como a pessoa aprendeu a se ver, apreciando seus comportamentos e percebendo também como os outros a vêem. É válido dizer que o julgamento sobre si se realiza na medida como os outros reagem perante nossa pessoa. Por isso, auto-estima, decorre de uma atitude positiva ou negativa perante um objeto particular, este objeto é o si mesmo. A diferença reside

na atitude para consigo mesmo e seu grau está na auto-estima e o que cada pessoa sente por si mesma.

Podemos expressar, segundo BRIGGS apud MOSQUERA (1977), os seguintes pensamentos que nos dão a auto-estima:

- Sou digno que me amem; o que quer dizer; importo e tenho valor porque existo;

- Sou valioso; o que expressaria; posso manejar-me e manejar o que me rodeia com eficiência; Sei que tenho algo a oferecer aos demais.

COOPERSMITH (1967), manifesta que auto-estima depende da qualidade das relações entre a criança e aqueles que desempenham papéis importantes em sua vida. Teríamos aqui, portanto, a valorização do afeto, na medida em que a família atua para poder desenvolver altos níveis de auto-estima. É verdadeiro que todo ser humano se valoriza tal como foi valorizado.

A auto-estima tem gradações e mudanças que possibilitam as diferentes imagens e que resultam das experiências estabelecidas no intercâmbio humano.

O alto nível de auto-estima surge de experiências positivas com a vida e com a afeição. O baixo nível de auto-estima resulta da ação de muitos fatores negativos durante muito tempo. Pode-se dizer que o êxito ou fracasso influenciam diretamente sobre a estrutura da auto-estima. Por auto-estima entende-se atitudes avaliativas para consigo, o que redundaria no julgamento pessoal de valor que é expresso nas atitudes que o indivíduo tem a respeito de si. É uma experiência subjetiva que o ser humano mostra aos outros por seu comportamento verbal ou outros comportamentos expressivos.

### 2.3 A INFLUÊNCIA DO GRUPO ÉTNICO NA FORMAÇÃO DO AUTO-CONCEITO E DA AUTO-ESTIMA

Os auto-conceitos das crianças também estão associados aos grupos raciais, étnicos e religiosos a que pertencem. Virtualmente, todas as pesquisas em identidade étnica foram efetuadas com crianças negras. Foram explorados dois assuntos durante anos: como se desenvolve a percepção de diferentes etnias ou raciais e como se desenvolvem as atitudes. Já aos 3 anos de idade, tanto as crianças negras como as brancas classificam as pessoas de acordo com a cor da pele, do mesmo modo que classificam as pessoas por gênero ou idade. Podem identificar diferentes grupos raciais antes disso, mas não há estudos disponíveis para crianças abaixo de 3 anos. (KATZ & POWELL apud MUSSEN & KAGAN, 1988, p. 342).

As crianças reconhecem diferenças físicas óbvias como a cor da pele ou característica faciais; diferenças mais sutis passam despercebidas. MCGUIRE, MCGUIRE, CHILD & FUJIOKA apud MUSSEN & KAGAN (1988), ao analisarem as crianças de grupos minoritários observaram que estas crianças apontam diferenças étnicas mais cedo do que as crianças de grupos majoritários. Estas diferenças irão refletir profundamente na formação do auto-conceito e conseqüentemente da auto-estima destas crianças, onde as qualidades distintivas serão ressaltadas. Para o negro o fato de ser negro provavelmente seja o aspecto mais saliente de sua identidade, pelo menos em uma cultura predominantemente branca.

Em um levantamento feito por POWELL apud BEE (1984), em resposta a uma pergunta como: Quem é você?, 95% dos adolescentes negros entrevistados mencionaram o fato de serem pretos ou negros; o mesmo não ocorreu com adolescentes brancos. Algumas pesquisas ou investigações realizadas por BRAND, RUIZ & PADILHA e HARTER apud MUSSEN (1988), apresentam resultados

controvertidos com relação ao auto-conceito negativo ou atitudes negativas que as crianças negras teriam para com seu próprio grupo, em muitos resultados surgem uma maior incidência tanto de um auto-conceito negativo como de uma auto-estima negativa para crianças negras, resultado este influenciado diretamente pela cor da pele, já outros resultados não apresentam qualquer diferença entre o nível do auto-conceito e da auto-estima encontrados em crianças brancas e negras.

Os resultados controvertidos das pesquisas e investigações, estão ligados a história, a geografia e ao clima social de uma determinada cultura. Por exemplo, no Estados Unidos a década de 70 ficou marcada pela luta pela valorização do negro por Martin Luter King (Líder negro, que pregava e lutava pela igualdade de direitos entre negros e brancos), as crianças desta década segundo POWELL apud BEE (1984), eram dotadas de um nível de auto-conceito e de auto-estima mais positivo em relação a gerações anteriores, construído através do "orgulho negro" enfatizado durante aquele período.

Com relação a outras etnias como asiáticos, hispânicos, etc., o auto-conceito e a auto-estima estariam ligados mais a uma característica distintiva ressaltada, como por exemplo a cor e o formato dos olhos, a cor e a característica (liso, encaracolado) do cabelo, etc.

## 2.4 A INFLUÊNCIA DO SEXO E DA CLASSE SOCIAL NA FORMAÇÃO DO AUTO-CONCEITO E DA AUTO-ESTIMA

Sabe-se que a sociedade exerce forte influência sobre os tipos de comportamento que cada indivíduo elabora no decorrer de sua existência. Deste modo, pessoas com direção interna têm desempenhos que as caracterizam e individualizam, já no caso de indivíduos dirigidos para os outros, estes têm outros tipos de comportamento e de ação. Estas duas possibilidades comportamentais nos colocam a problemática de como a auto-estima se desenvolve e também como afeta a imagem pessoal e naturalmente, social. Ninguém nega a importância da auto-estima, embora hoje se reconheça que talvez seja o conceito mais relevante no desenvolvimento da personalidade humana (MOSQUERA, 1987, p. 51).

Em *A criança em desenvolvimento*, BEE (1984), faz uma análise do auto-conceito da criança, levando em conta as diferenças sexuais e as diferenças de classe social, para a autora o que ocorre comumente é uma usual generalização por parte dos periódicos de psicologia que insistem em afirmar que as crianças pobres e as meninas geralmente têm um auto-conceito mais baixo que as crianças de classe média e meninos. Esta conclusão partiu a partir de pesquisas que apontavam que o auto-conceito e a auto-estima negativos das crianças pobres poderia responder, em parte, pelo seu desempenho escolar inferior e que o baixo nível de auto-conceito e de auto-estima das meninas estaria ligado a uma menor valorização das qualidades femininas do que as qualidades masculinas.

Em um estudo feito por TROWBRIDGE apud SOSSAI (1975), mostrou que crianças provenientes de famílias com nível sócio-econômico mais baixo tinham um auto-conceito e uma auto-estima mais favorável do que as crianças de classe média. Outros pesquisadores como RISTOW e MACCOBY & JACKLIN apud SOSSAI



(1975), não encontraram diferenças. O que não pode ocorrer é uma generalização com relação a classe social pobre ter tanto o auto-conceito como a auto-estima mais baixos em comparação a classe rica e a menina ter auto-conceito e auto-estima mais baixos em relação ao menino, pois, o tipo de coisa que cada pessoa valoriza em si e para si é diferente de pessoa para pessoa seja rica ou pobre, menino ou menina.

Para STRAUSS, citado por MOSQUERA (1987, p. 57), "O conceito sobre si mesmo está sempre de acordo com aqueles ideais e expectativas que mantemos sobre nossa pessoa, mas se materializa a partir das avaliações decisivas que fazemos e são feitas sobre nós. Todos nós apresentamos ante os demais e ante nós mesmos e nos olhamos nos espelhos do julgamento."

Os meninos adolescentes tendem a perceber e a valorizar em si qualidades primariamente pessoais como: ambição, energia, otimismo ou praticidade; enquanto que as meninas adolescentes tendem a perceber e a valorizar qualidades mais sociais, capacidades e habilidades que envolvem os outros como ser atraente, cooperação, fraqueza, simpatia e habilidade de liderança.

A natureza do auto-conceito reside no conhecimento individual de si mesmo e no desenvolvimento das próprias potencialidades. Na percepção dos sentimentos, atitudes e idéias que se referem à dinâmica pessoal. O desenvolvimento do AUTO-CONCEITO acontece através de um processo contínuo que está determinado pela vida individual e que se estrutura na ação social (MOSQUERA, 1977, p. 102).

As diferenças no auto-conceito e na auto-estima podem ser influenciadas pelos estereótipos de papel sexual prevalentes na sociedade; estes estereótipos são retratados de forma exagerada, tanto em livros infantis quanto na televisão, portanto,

os estereótipos de papel sexual são reforçados por muitos elementos de nossa cultura.

## 2.5 O RELACIONAMENTO PAI-FILHO NA FORMAÇÃO DO AUTO-CONCEITO E DA AUTO-ESTIMA DA CRIANÇA

A maneira pela qual a criança é tratada e considerada nos primeiros anos de vida determina, em grande parte a estima que terá por si mesma quando tornar-se adulta, como um solo fértil para o desenvolvimento da confiança em si e a auto-realização. Desde os primeiros meses há uma busca de reconhecimento: o bebê balbucia ou agita o chocalho para chamar a atenção da mãe e, captando o clima emocional que o acerca, começa a incorporar a aceitação e a aprovação, e o encorajamento que encontra é um estímulo a novas conquistas. Se os pais encontram satisfação no filho, ele se sente satisfeito consigo mesmo; se o desaprovam, ele também se desaprova (LERNER, 1972, p. 89).

Segundo WHITE citado por MOSQUERA (1987, p. 51), "Se perguntássemos a qualquer pessoa razoavelmente reflexiva que tipos de experiência poriam em sério risco seu auto-conceito, provavelmente descreveria alguma combinação de fracasso em suas próprias ações e diminuição da estima que outras pessoas lhe dedicam."

Os pais podem contribuir na formação de um auto-conceito e de uma auto-estima de seus filhos, desde que este ajudem a criança a sentir-se bem consigo mesma, a formar uma imagem agradável de si, quando a reconhece como pessoa que ela é, aceitando possibilidades e limitações (o que ajuda a criança a aceitá-las também). Para BEE (1984), "Uma criança com auto-estima alta coloca um valor positivo nas características que pensa possuir, uma criança com auto-estima baixa dá um valor neutro ou negativo as suas características."

Num estudo elaborado por COOPERSMITH (1967), em meninos pré-adolescentes, alunos de escolas públicas da área central de Connecticut (USA) afim de investigar o nível da auto estima destes meninos, constatou acentuadas diferenças nos mundos experienciais e nos comportamentos sociais destas crianças. Num momento da pesquisa COOPERSMITH investigou os comportamentos parentais (relação pai/filho), notou que em geral os meninos com elevada auto-estima tendiam a ter pais com auto-estima elevada. Os pais destes meninos eram estáveis emocionalmente e mais auto-suficientes, flexíveis e efetivos em suas atitudes e ações relativas ao cuidado infantil; as mães destes meninos eram mais receptivas e tendiam a manifestar sua aceitação por intermédio de expressões específicas e diárias de interesse, afeição e contato íntimo.

Em compensação a falta de orientação parental e o tratamento relativamente cruel e desrespeitoso eram características de pais cujos filhos tinham baixa auto-estima.

A criança que tem um bom conceito de si mesma enfrenta as novas situações com menos sentimento de inferioridade, achando-se mais competente. Mais tarde, a partir de um julgamento mais real de si mesmo e dos outros, o indivíduo terá maior facilidade de ajustar-se socialmente. O que as pessoas dizem dele, como o tratam, o status que consegue no grupo a que pertence serão influências importantes no fortalecimento da auto-estima, que se construirá sobre as bases das primeiras experiências vividas entre os familiares (Lerner, 1972, p. 98).

## **2.6 A ATIVIDADE FÍSICA COMO ELEMENTO AUXILIAR NA FORMAÇÃO DO AUTO-CONCEITO E DA AUTO-ESTIMA**

Ao se referir à auto-estima BUNKER e ROTELLA (1985), deixam clara a importância da Educação Física como meio de promoção da auto-estima e conseqüentemente do auto-conceito; este posicionamento fica explicitado quando os autores fazem esta afirmação:

**A educação física como elemento atuante na vida da criança pode auxiliar nesta auto-estima de forma influente e consciente. Se se quer que nossos educandos possuam alta auto-estima, é preciso que hajam mais vencedores, principalmente os jovens. São necessários resultados mais significativos do que resultados materiais (BUNKER e ROTELLA, 1985, p. 31-2).**

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 DESIGN

O estudo tem característica MISTA; quasi-experimental (Ex post Facto) e experimental (pré/pós/teste).

\* Design 1: Ex post Facto.

$$G_1 \times G_2$$

Sendo:

$G_1$  = Institucionalizados;

$G_2$  = Não-institucionalizados.

\* Design 2: Experimental.

$$G_1 - T - G_2$$

Sendo:

$G_1$  = Institucionalizados;

$G_2$  = Não-institucionalizados;

T = Tratamento (Futebol).

#### 3.2 TÉCNICA ESTATÍSTICA

Para analisar os dados dos fatores (auto-estima e auto-conceito), serão usadas quatro análises de variância com nível de significância  $\alpha = 0,05$ .

### **3.3 INSTRUMENTAÇÃO**

Os dados foram coletados através do uso do Inventário de auto-estima de COOPERSMITH (1967), Com validade de 0.91 e fidedignidade de 0.95; e pelo inventário de auto-conceito de MASON (1954), com validade de 0.81 e fidedignidade de 0.89. Ambos em anexo.

### **3.4 PROCEDIMENTOS**

Os questionários foram aplicados em menores de rua, escolhidos aleatoriamente. Para a aplicação dos questionários na ASSOMA foi solicitada permissão; já na Praça do Atlético foram utilizados meninos de rua frequentadores da praça, em ambos os casos os questionários foram respondidos individualmente e no próprio local.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

**TABELA 1**

**ANÁLISE DE VARIÂNCIA A NÍVEL  $\alpha = 0,05$  ENTRE AS VARIÁVEIS INSTITUCIONALIZADO E NÃO-INSTITUCIONALIZADOS PARA AUTO-ESTIMA.**

FONTE DE VARIÇÃO	SOMA DOS QUADRADOS	G1	F	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
INSTITUC. x N. INST..	1371.0066	1	14.545	0.0008
RESIDUAL	2480.7077	28		

Análise de variância demonstrou diferença significante entre escores de auto-estima  $F(1,28) = 14.545$ ,  $P = 0.0008$ , dos grupos de sujeitos meninos de rua institucionalizados comparados com os Não-institucionalizados. Este resultado demonstrou uma relação causal entre a o STATUS de ser institucionalizado na auto-estima do menor em situação de rua. Isto confirma a premissa que as instituições públicas de assistência ao menor desenvolvem um trabalho que afeta positivamente no estado emocional e psicológico do menor carente.

**TABELA 2**  
**TABELA DEMONSTRATIVA "POST HOC SCHEFFÉ".**

MÉTODO: 95% SCHEFFÉ		
NÍVEL	N	X
1: INSTITUCIONALIZADO	13	65,23
2: NÃO INSTITUCIONALIZADO	15	51,20
CONTRASTE	DIFERENÇA +/-	LIMITES
1 - 2	- 14,0308	7,56393*

\* Significa diferença significativa.

O Post Hoc demonstrou um contraste significativo entre os grupos institucionalizados e Não-institucionalizados, Dif= - 14.0308, limite 7,56393, com média maior favorável aos institucionalizados X= 65,23; contrastando com os Não-institucionalizados X= 51,20.

**TABELA 3**  
**ANÁLISE DE VARIÂNCIA A NÍVEL  $\alpha = 0,05$  ENTRE AS VARIÁVEIS INSTITUCIONALIZADO E NÃO-INSTITUCIONALIZADOS PARA AUTO-CONCEITO.**

FONTE DE VARIÇÃO	SOMA DOS QUADRADOS	GI	F	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
INSTIUC. x N. INST.	202,99359	1	12,682	0,0015
RESIDUAL	2907,7077	28		



A segunda ANOVA também demonstrou uma diferença significativa  $F(1,28) = 12,682$ ,  $P = 0,0015$ , entre os grupos de sujeitos institucionalizados e Não-institucionalizados. Este resultado demonstra um relacionamento de causa e efeito entre as variáveis independentes (institucionalizado e não-institucionalizado) com a dependente (auto-conceito). Esta diferença obtida reporta que a ASSOMA ajuda na melhoria do auto-conceito dos menores de rua.

**TABELA 4**  
**TABELA DEMONSTRATIVA "POST HOC SCHEFFÉ".**

MÉTODO: 95% SCHEFFÉ		
NÍVEL	N	X
1: INSTITUCIONALIZADO	13	33,077
2: NÃO INSTITUCIONAL	15	26,87
CONTRASTE	DIFERENÇA +/-	LIMITES
1 - 2	- 6,21026	3,58544*

\* Significa diferença significativa.

O Post Hoc Scheffé empregado na verificação da diferença mostrou um contraste significativo entre o grupo 1:  $X = 33,077$  com o grupo 2:  $X = 26,87$ .

TABELA 5

**ANÁLISE DE VARIÂNCIA A NÍVEL  $\alpha = 0,05$  ENTRE O PRÉ-TESTE X PÓS-TESTE DO GRUPO EXPERIMENTAL PARA AUTO-CONCEITO**

FONTE DE VARIAÇÃO	SOMA DOS QUADRADOS	GI	F	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
PRÉ-TESTE x PÓS-TESTE	45,63333	1	1,523	0,2275
RESIDUAL	839,06667	28		

TABELA 6

**ANÁLISE DE VARIÂNCIA A NÍVEL  $\alpha = 0,05$  ENTRE O PRÉ-TESTE X PÓS-TESTE DO GRUPO EXPERIMENTAL PARA AUTO-ESTIMA**

FONTE DE VARIAÇÃO	SOMA DOS QUADRADOS	GI	F	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
INSTTUC. x N. INST..	282,13333	1	2,909	0,0992
RESIDUAL	2715,7333	28		

A comparação entre o pré-teste e o pós-teste do grupo experimental, não-institucionalizado, mostrou-se não ser significativo a nível  $P < 0,05$ . Este resultado indica que os constructos auto-conceito e auto-estima são de características mais permanentes do que supunha-se.

## **5 CONCLUSÃO**

Os resultados estatísticos confirmam a hipótese de que os meninos de rua institucionalizados demonstrarão maiores níveis de auto-estima e auto-conceito do que os meninos não-institucionalizados, ainda com base nos mesmos resultados, estes mostram que a premissa em relação ao trabalho desenvolvido pelas instituições públicas de assistência no tratamento adequado as reais necessidades do menor carente, é verdadeira.

A análise do pré-teste x pós-teste, demonstrou que não houve alteração significativa com relação a melhoria dos constructos auto-conceito e auto-estima para o tratamento dado. Conclui-se que tais constructos são características mais permanentes do que supunha-se. Seria aconselhável novos estudos, com as mesmas características desta pesquisa (meninos de/na rua), alterando apenas o período de tratamento (mais longo) e a atividade meio (de preferência atividades físicas ou desportivas pouco vivenciadas pelos meninos, como: voleibol, basquetebol, natação, atletismo, etc), afim de se avaliar melhor o comportamento de tais constructos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEE, Helen. A criança em desenvolvimento. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1984.
- BONNER, H. Psychology of personality. New York: The Ronald Press Company, 1961.
- BRASIL. Congresso. Camara dos deputados. A realidade brasileira do menor. Relatório. Brasília, Coordenação de publicações, 1976.
- BUNKER, L. K. et alii. Sport psychologie: psychological considerations in maximzing sport performance. New York: Soudy Sharpe, 1985.
- COELHO, Ricardo W. Uma comparação do nível de ansiedade entre crianças de 9 a 12 anos em esportes coletivos, individuais, individuais de contato e em atividades recreativas da cidade de Curitiba, Pr, Brasil. Dissertação apresentada na University of Southern Califórnia, 1986.
- COOPERSMITH, S. The antecedents, of self-esteem. São Francisco: W. H. Freeman, 1967.
- DECKER, Ernest. The birth and death of meaning. New York: The Free Press, 1971.
- FONSECA, Claudia. O internato do pobre: FEBEM e a organização doméstica em um grupo portoalegrense de baixa renda. Temas Imesc. Sociedade, direito, saúde. São Paulo, 4 (1), 1987.
- LERNER, Léa. Criança também é gente. 1. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1972.
- MAAKAROUN, Marília de Freitas; SOUZA, Ronald Pagnoncelli de; CRUZ, Amadeu Roselli. Tratado de adolescência: um estudo multidisciplinar. 1. ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1991.
- MARSHAL, T. H. Cidadania, classe social e status. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- MASON, E. P. Some correlates of self judgements of the aged. Journal of gerontology. n. 9, 1954.
- MOSQUERA, Juan José Mouriño. Adolescência e província. Porto Alegre: Sulina, 1987.
- \_\_\_\_\_. Vida adulta: personalidade e desenvolvimento. Porto Alegre: Sulina, 1977.

- MUSSEN, Paul Henry; CONGER, John Janeway; KAGAN, Jerome. Desenvolvimento e personalidade da criança. 4. ed. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1988.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Departamento de questões econômicas e sociais. Os direitos da criança. Trad. de Leonidas Gontijo de Carvalho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- PFROMM, Samuel. Psicologia da Adolescência. São Paulo: Pioneira/MEC, 1976.
- RIVERA, Deodato. A situação de crianças e adolescentes privados de liberdade no Distrito Federal. Brasília: Mimeo, 1987.
- SÃO PAULO. Secretaria do menor. Casa Aberta/Secretaria do Menor - São Paulo: a secretaria, 1990.
- SOSSAI, João Alvécio. AUTO-CONCEITO: um estudo com adolescentes da cidade de São Paulo. São Paulo, 1975. Monografia (Mestrado em psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- STRAUSS, Anselm L. Especjos y máscaras. Buenos Aires: Marymar, 1977.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. Normas para apresentação de trabalhos: teses, dissertações e trabalhos acadêmicos. Curitiba: UFPr, v. 8, n. 2, 1992.
- \_\_\_\_\_. Normas para apresentação de trabalhos: citações e notas de rodapé. Curitiba: UFPr, v. 8, n. 7, 1992.
- \_\_\_\_\_. Normas para apresentação de trabalhos: estilo e orientação para datilografia e digitação. Curitiba: UFPr, v. 8, n. 8, 1992.
- \_\_\_\_\_. Normas para apresentação de trabalhos: referências bibliográficas. Curitiba: UFPr, v. 8, n. 6, 1992.
- WHITE, Robert W. El yo y la realidad en la teoría psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 1973.

## **ANEXOS**

**01 QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE AUTO-ESTIMA.....31**

**02 QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE AUTO-CONCEITO.....32**

## QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE AUTO-ESTIMA

NOME: \_\_\_\_\_  
 SEXO: \_\_\_\_\_ IDADE: \_\_\_\_\_

Abaixo você encontrará uma lista de afirmações sobre sentimentos:  
 Assinale com "V" se a afirmativa for verdadeira ou "F" se for falsa.

- 01 - Geralmente não me perturbo com as coisas.....( )
- 02 - É muito difícil para eu falar perante um grupo de pessoas.....( )
- 03 - Existem várias coisas em mim que eu mudaria se pudesse.....( )
- 04 - Não faço minha cabeça facilmente.....( )
- 05 - Sou uma boa companhia.....( )
- 06 - Em casa eu me irrito facilmente.....( )
- 07 - Levo bastante tempo para me acostumar com coisas novas.....( )
- 08 - Sou muito popular com pessoas da minha idade.....( )
- 09 - Minha família geralmente se preocupa com meus sentimentos.....( )
- 10 - Integro-me facilmente em qualquer ambiente.....( )
- 11 - Minha família exige muito de mim.....( )
- 12 - É muito difícil ser o que eu sou.....( )
- 13 - As coisas estão muito difíceis em minha vida.....( )
- 14 - As pessoas geralmente seguem minhas idéias.....( )
- 15 - Não tenho uma boa impressão de mim mesmo.....( )
- 16 - Muitas vezes tenho vontade de abandonar tudo.....( )
- 17 - Muitas vezes me irrito com meu trabalho.....( )
- 18 - Acredito não ser uma pessoa tão bonita quanto as outras.....( )
- 19 - Quando tenho alguma coisa a dizer, geralmente a digo.....( )
- 20 - Minha família me entende.....( )
- 21 - Muitas pessoas são muito mais simpáticas do que eu.....( )
- 22 - Geralmente sinto que minha família me pressiona.....( )
- 23 - Muitas vezes sinto-me desencorajado com aquilo que estou fazendo.....( )
- 24 - Gostaria de ser uma pessoa diferente.....( )
- 25 - Ninguém pode contar comigo.....( )

## QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE AUTO-CONCEITO

**ORDEM DE NASCIMENTO:** ( ) 1o. filho ( ) 2o. filho ( ) 3o. filho

**PRÁTICA ALGUM TIPO DE DESPORTO?** ( ) sim ( ) não.

**RESPONDA COM SOMENTE UM "X" A CADA UMA DAS QUESTÕES:**

	DISCORDO PLENAMENTE	DISCORDO PARCIALMENTE	CONCORDO PARCIALMENTE	CONCORDO PLENAMENTE
1. Sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto as outras pessoas.				
2. Prefiro ficar sozinho do que com as outras pessoas.				
3. Eu não me sinto com energia para fazer as coisas que sempre fiz.				
4. Ninguém presta muita atenção no que eu faço ou digo.				
5. Meu dia é repleto de atividades úteis.				
6. Me sinto infeliz na maior parte do tempo.				
7. Eu sinto que sou uma pessoa muito apegada à minha família.				
8. Eu me preocupo com dores físicas e sofrimento.				
9. Eu raramente estou excitado ou agitado.				
10. Eu gosto da vida que estou levando.				